

UnB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FE - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TEF - DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS
EVOLUÇÃO DA HISTÓRIA NO BRASIL
PROFESSORA: EVA WAISROS PEREIRA

ESCOLA JÚLIA KUBITSCHK - A PRIMEIRA ESCOLA PÚBLICA
DO DF

aluna: RENATA SILVA SAYÃO C. ARAUJO
matrícula: 90/063
1º semestre / 1994

ÍNDICE

	páginas
1. Introdução	01
2. Situação sócio-política econômica do país- Governo Juscelino Kubtschek	02 à 04
3. Brasília- Novos sonhos, nova proposta, nova cidade	05 à 08
4. Sistema Educacional de Brasília	09 à 15
5. A primeira escola pública de Brasília	16 à 19
6. Entrevista com a prof. Amabile Andrada	20 e 21
7. Considerações Finais	22 e 23
8. Anexos	24 à 31
9. Bibliografia	32

SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

O sistema educacional de Brasília originou-se do plano urbanístico de Lúcio Costa. A divisão demográfica motivou a estrutura educacional brasiliense.

O ensino foi organizado e mantido primeiramente pela NOVACAP, sob direção do Dr. Ernesto Silva. Através de pesquisas feitas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), foi proposto um ensino modelar e inovador, com padrões qualitativos e inovações técnicas.

A preocupação com o ensino e a qualidade do mesmo foi demonstrada pelo então presidente Juscelino Kubistchek, como mostra um trecho do seu discurso:

"...cuidou-se também de dotá-las de boas condições de eficiência pedagógica e social, por criteriosa seleção das professoras, preparadas convenientemente através de programas de aperfeiçoamento em adiantados centros do país. Vale registrar que mais de 20 das educadoras pioneiras estagiaram em escolas-classe de Salvador, 4 se aperfeiçoaram na escola-parque da mesma cidade, em desenho e nos mais variados tipos de artes industriais, enquanto muitas outras ensejaram visitas a jardins de infância do Rio de Janeiro e freqüentaram cursos de administração escolar, de orientação educacional e de pesquisa pedagógica no Rio Grande do Sul".

Anísio Teixeira, diretor do INEP, foi o grande responsável por este plano educacional que deveria ser exemplo e base para o restante do país.

O plano educacional era inovador e não foi fácil vencer as

barreiras dos rotineiros e propor um novo sistema: revolucionário para o até então existente.

O Plano Educacional de Brasília tinha, dentre outros, os seguintes objetivos:

a) Distribuir eqüitativa e eqüidistantemente as escolas no Plano-Piloto e Cidades-Satélites, de modo que a criança percorresse o menor trajeto possível para atingir a escola, sem interferência com o tráfego de veículos, para comodidade e tranqüilidade de pais e alunos;

b) concentrar as crianças de todas as classes sociais na mesma escola (democratização);

c) possibilitar o ensino a todas as crianças e adolescentes;

d) romper com a rotina do sistema educacional brasileiro, pela elaboração de um plano novo, que proporcionasse à criança e ao adolescente uma educação integral;

e) reunir, em um só centro, todos os cursos de grau médio, permitindo-se maior sociabilidade aos jovens da mesma idade que, embora frequentando classes diferentes, tivessem em comum atividades na biblioteca, na piscina, nos campos de esporte, nos grêmios, no refeitório, etc.;

f) facilitar o ensino particular, com fixação de áreas para externatos e internatos, vendidas a preço muito baixo, com pagamento facilitado (até através de bolsas de estudo).

O plano propunha um ensino com as seguintes características:

a) fossem eliminados do curriculum temas inadequados e fosse elaborado um sistema original de ensino onde fossem introduzidos os recursos da televisão, do rádio e do cinema;

b) dia letivo integral;

c) a escola fosse centro de preparação para a vida moderna, firmando atitudes, cultivando aspirações;

d) a escola oferecesse oportunidades à criança e ao adolescente para viverem uma civilização técnica e industrial, sempre em mutação.

e) a escola fosse centro de educação sanitária, fornecendo alimentação à criança e fazendo a profilaxia das doenças, protegendo-a, assim, da subnutrição e das moléstias;

f) a escola dividisse em dois setores:

1 - o da instrução propriamente dita, com o trabalho tradicional da classe;

2 - o da educação, com as atividades socializantes, recreativas e artísticas (música, teatro, dança, pintura, cinema, exposições, grêmios, educação física), trabalho manual e artes industriais (costura, bordado, encadernação, tapeçaria, cestaria, cartonagem, tecelagem, cerâmica, trabalhos em madeira, metal, etc.);

g) Corrigisse, enfim, o desajustamento que existe entre o progresso material e o atraso educacional.

O Plano Educacional de Brasília foi assim elaborado:

I - EDUCAÇÃO ELEMENTAR a ser oferecida em:

1) JARDINS DA INFÂNCIA - destinados à educação de crianças de 4 a 6 anos;

2) ESCOLAS CLASSE - destinadas à educação intelectual sistemática de menores de 7 a 12 anos, em cursos completos de seis anos ou séries escolares;

3) ESCOLAS PARQUE - destinadas a completarem a tarefa das escolas classe mediante o desenvolvimento artístico, físico e recreativo

da criança e sua iniciação ao trabalho, por uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área, assim constituída:

- * biblioteca infantil e museu;
- * pavilhão para atividades de artes industriais;
- * conjunto para atividades de recreação;
- * conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes, exposições);
- * dependências para a administração;
- * refeitório.

Como a nova capital é constituída de quadras e como cada quadra abrigaria população variável de 2.500 a 3.000 habitantes, foi calculada a população escolarizável para os níveis elementar e médio, ficando estabelecido o seguinte:

1 - Para cada superquadra:

a) um jardim da infância com quatro salas, para em dois turnos de funcionamento, atender a 160 crianças (oito turmas de vinte crianças);

b) uma escola classe, com oito salas, para, em dois turnos, atender a 480 crianças (16 turmas de trinta alunos).

2 - Para cada grupo de quatro superquadras:

a) uma escola parque, destinada a atender, em dois turnos, cerca de dois mil alunos das quatro escolas classe, em atividades de iniciação ao trabalho (para meninos e meninas de 10 a 14 anos) nas pequenas oficinas de artes industriais, além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação.

Os alunos deveriam freqüentar diariamente a escola parque em

regime de revezamento com o horário das escolas classe, isto é, quatro horas nas classes de educação intelectual e outras quatro nas atividades da escola parque, com intervalo para almoço.

II - EDUCAÇÃO MÉDIA

A educação média seria ministrada nos CENTROS DE EDUCAÇÃO MÉDIA, oferecendo diversas oportunidades aos jovens de 11 a 18 anos. Tais Centros deveriam ser constituídos na proporção de um para cada grupo populacional de 45.000 habitantes, com capacidade para abrigar 2.700 a 3.500 alunos.

Cada CENTRO DE EDUCAÇÃO MÉDIA compreenderia um conjunto de edifícios destinados a:

1 - "Escola Média Compreensiva", incluindo:

- a) cursos acadêmicos;
- b) cursos técnicos;
- c) cursos científicos.

2 - Centro de Educação Física (quadras cobertas, piscina coberta, campos de futebol, pista de atletismo, quadras de vôlei e basquete, quadras de tênis, etc.)

3 - Centro Cultural, com auditório (teatro, cinema, exposições, clube dos alunos, etc.)

4 - Biblioteca e Museu

5 - Administração

6 - Restaurante

Cada Centro de Educação Média seria constituído de dez edifícios e uma área para atividades esportivas ao ar livre. Os edifícios serviriam ao curso ginásial, cursos clássico e científico, curso comercial, curso industrial, curso normal,

centro cultural, centro de educação física, biblioteca e museu, administração e refeitório.

Este PLANO EDUCACIONAL seria aplicado da mesma forma em toda a área do Distrito Federal (Plano Piloto e Cidades-Satélites). Nas Penínsulas e Cidades-Satélites, haveria, para cada grupo populacional de 3.000 habitantes, um jardim da infância e uma escola classe e, para cada quatro escolas classe, uma escola parque. No que toca à educação média, haveria para cada grupo populacional de 45.000 a 50.000 habitantes um CENTRO DE EDUCAÇÃO MÉDIA.

Em todo esse programa, cumpre distinguir a educação comum e obrigatória, destinada a todos, e a educação especial destinada a formar os diversos quadros ocupacionais do país. Quanto à educação para todos, isto é, a elementar, o seu característico, no programa proposto, é o de juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a auto-educação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto, a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudos e as de trabalho, de arte e de convivência social. No Centro de educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da "escola-classe", onde aprende a "estudar" conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver.

Pode-se bem compreender que modificações deverão ser introduzidas na arquitetura escolar para atender a programa dessa

natureza. Já não se trata de escolas e salas de aula, mas de todo um conjunto de locais, em que as crianças se distribuem, entregues às atividades de "estudo", de "trabalho", de "recreação", de "reunião", de "administração", de "decisão" e de vida e convívio no mais amplo sentido desse termo. A arquitetura escolar deve assim combinar aspectos da "escola tradicional" com os da "oficina", do "clube" de esportes e de recreio, da "casa", do "comércio", do "restaurante", do "teatro", compreendendo, talvez, o programa mais complexo e mais diversificado de todas as arquiteturas especiais.

Em junho de 1957 o plano já estava estruturado e foi entregue ao departamento de arquitetura da NOVACAP para elaboração dos projetos das escolas. Estes só foram entregues em fins de 1958.

Depois de constituída a prefeitura de Brasília, em abril de 1960, a educação se tornou responsabilidade dele.

Em 17 de junho de 1960 foi criada a Fundação Educacional de Brasília e Ernesto Silva fez parte do conselho dessa fundação. Ali Ernesto Silva e seus companheiros continuaram lutando pela preservação dos seus ideais, mas não encontravam eco dentro do órgão. Em 11 de outubro de 1960 chegaram a fazer um apelo que colocaram em ata expressando suas idéias. (Trechos do apelo em anexo 1).

Infelizmente, este plano educacional não se efetivou. Nas cidades satélites não foram construídas as escolas parque, os alunos não tem diariamente oito horas de aula e as condições de muitas escolas encontram-se em estado caótico.

A PRIMEIRA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

Foi no ano de 1957 que as famílias dos operários da construção da nova capital começaram a chegar.

As primeiras aulas eram dadas ao ar livre embaixo de árvores pela professora Anahir Pereira Costa que fundou a escola no Instituto Batista na Cidade Livre. Mas foi sendo necessário mais. Então as aulas passaram a ser dadas nos escritórios da NOVACAP após o expediente. Porém, a preocupação com o ensino regular se mantinha, além da necessidade de mais espaço e tempo para atender a população que vinha chegando. A DEPLAN em sua publicação declara: "A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, representante do poder público, preocupada em atender às necessidades primordiais e a educação primária das crianças filhas de seus funcionários e operários, assumiu esta responsabilidade, criando, em fins de 1956, o Departamento de educação e saúde, mais tarde o Departamento de Educação e difusão cultural (Portaria nº 103/B/59. NOVACAP), com o encargo de promover atividades educacionais até a implantação definitiva do sistema educacional do Distrito Federal. Assim a 10 de setembro de 1957, inaugurava-se a primeira escola primária pública de Brasília, o Grupo Escolar 1, depois Escola classe Júlia Kubitschek".

Então a 15 de outubro de 1957, dia do professor, Dr. Clóvis Salgado, ministro da Educação e cultura inaugurou o Grupo Escolar nº 1, denominado Escola Júlia Kubitschek em homenagem à mãe professora do fundador de Brasília.

O projeto da escola foi de Niemeyer e constava de 5 salas de

aulas, cozinha e refeitório, biblioteca, almoxarifado, instalações sanitárias e um parque de recreação e piscina. A escola foi construída em 20 dias tão grande era a necessidade da mesma. Na construção foram feitas, muitas doações de firmas particulares como mesas de fórmica para refeitório, geladeira na cozinha, playground e dezenas de livros para biblioteca.

O corpo docente foi escolhido primeiramente entre as esposas e filhas de funcionárias que portassem diploma de professora primária. Foram escolhidas 8 professoras e dentre elas foi escolhida a diretora. Como foi difícil escolher a diretora foi feito um rodízio para a escolha. Cada professora dirigiu a escolha durante 15 dias e, no final, elas próprias, em votação, elegeram a diretora. Santa Alves Soyer foi a eleita.

Santa mereceu grande destaque na implantação do ensino na nova capital, pois realizou um trabalho sério e estafante durante toda a fase pioneira de Brasília, não só na direção do Grupo escolar número 1 (GE-1) como, depois, na organização de muitas outras escolas. Foram também professoras do GE-1 no trabalho pioneiro realizado: Maria Helena Parreiras, Amabile Andrade Gomes, Carmem Daher, Stela das Cherubins Guimarães, Maria Antônia Jacinto, Maria do Rosário Bessa, Maria de Lourdes Brandão, Célia Cheir, Ana Leal, Maria de Lourdes Moreira Santos, Maria Helena de Lana Torres.

O Grupo escolar número 1 funcionava em dois turnos. Porém cada turno tinha 7 horas. O primeiro funcionava das 7:30 até às 15:00 horas e o segundo, das 9:00 às 17:30 horas, abrangendo inicialmente 300 alunos. Ambos os turnos tomavam merenda às 10:00 horas, almoçavam na escola e faziam nova refeição às 15 horas. As

refeições eram fornecidas pelo SAPS, cujo responsável em Brasília era Francisco Manoel Brandão. As crianças tinham suplemento alimentar garantido.

Os alunos recebiam assistência de ordem econômica, mediante facilidade para aquisição de vestuário e material escolar; assistência social, participando de concentrações escolares, festividades, concursos e permanentes contatos com a família; de ordem religiosa, observando-se a liberdade de culto e possibilitando aos católicos, por serem em número bem maior, a preparação para a primeira comunhão, realizada na própria escola.

Com a preocupação de melhorar as condições de vida das famílias, a educação estendia-se aos pais dos alunos que tinham aulas de culinária, corte e costura, etc, conforme necessidade da comunidade e as disponibilidades da Escola. Foi muito marcante durante toda a existência da escola a integração com a comunidade e a solidariedade existente entre seus funcionários.

A escola adotou uma proposta de ensino com bases na Escola Nova a qual procurava propor à criança educação integral visando sua preparação para a vida moderna. Os alunos recebiam instrução, educação, alimentação e assistência médico-odontológica. A horticultura era incentivada através do cultivo de horta pelos próprios alunos, com orientação técnica.

Em 1966, a escola foi incorporada à rede oficial de ensino da Secretaria de Educação e Cultura. Desativada, em fins de 1969, pelas precárias condições físicas, passou a ser habitada por famílias sem moradia.

Em maio de 1986 foi elaborado um projeto de reconstrução da

Escola Júlia Kubitschek, no programa de preservação e vitalização do patrimônio físico ambiental, no âmbito do projeto Cidade Livre. Tal reconstrução é justificada não só pelo seu valor de referencial histórico, e como monumento do contexto sócio-cultural de Brasília, mas como também para ser usufruída novamente pela população local.

Apesar de todos os esforços feitos por Ernesto Silva bem como outros pioneiros, as coisas foram se diluindo. Não foram construídas as Escolas Parques, indispensáveis à demanda (uma para cada 15.000 habitantes); os Centros de Educação Média não foram edificados de acordo como o plano previa.

Para dar continuidade ao plano, apesar de todos os obstáculos, durante a gestão de Ernesto Silva, elaborou-se o anteprojeto da Lei Orgânica de Educação e Cultura do Distrito Federal. Este foi concluído no final de 1959. O anteprojeto da lei tratava tanto dos princípios e métodos da educação e cultura como da organização do ensino em todas as suas facetas.

Entrevista com a professora Amabile Andrada

Em uma entrevista, sem muitas formalidades com a professora Amabile Andrada, ela contou um pouco da sua experiência como professora em Brasília.

Convidada para lecionar em Brasília, Amabile deixou Goiânia, por volta de 57 aceitando tal desafio. Aqui começou dando aulas na sede da NOVACAP na sala de reuniões. Depois que O Grupo Escolar nº1 foi montada ela foi uma das professoras que ali lecionaram.

Amabile contou que o trabalho da escola Júlia Kubtschek era baseado numa experiência realizada em Salvador em uma vila de pescadores. O trabalho era integrado. Um exemplo citado, foi um teatrinho de fantoches feito por seus alunos de 2ª série. Neste trabalho os alunos montaram o texto, fizeram os custos da peça, costuraram as roupas, fizeram a caixa de madeira para a apresentação. PUderam então neste atividade trabalhar respectivamente Português, Matemática, costura e marcenaria, música, artes e a parte sócio-psicológica.

Na escola funcionava 1 turma da cada série(1ª série à 4ª série). Sendo que a 3ª e 4ª série tinham as aulas regulares pela manhã e as 1ª e 2ª séries funcionavam no horário inverso.

As professoras fizeram, além do estágio da escola da vila dos pescadores, estágio na escola parque de Salvador.

Para Amabile, a proposta da escola não teve continuidade devido aos recursos financeiros, pois o número de alunos cresceu muito rapidamente e a escola não pôde comportar tal exigência. Amabile, em 1958, foi transferida para outra escola, que funcionava em casas da HIGS, já que a demanda crescera tanto.

Ela contou, também, que a escola Julia Kubitschek foi

construída sem o conhecimento do Dr. Israel Pinheiro.

A comunidade sempre participou muito na escola. Um exemplo citado foi a confecção do uniforme para a 1ª missa de Brasília. Para confeccioná-las, Bernardo Sayão foi a Goiânia e comprou camisetas e shorts para os meninos, e camisetas e tecido para as saias das meninas. Durante a noite, véspera da missa, engenheiros, mães dos alunos, operários e a comunidade da escola trabalhavam em conjunto para fazer as saias e escrever com canetas NOVACAP nas camisetas (como um emblema).

O material didático vinha de Goiânia, pois aqui em Brasília não havia ainda este tipo de infra-estrutura. Este material era distribuído para os alunos da escola. Na escola, existiam alunos filhos tanto de operários como de engenheiros. E o ensino era tão bom que as escolas particulares alugavam suas salas para a educação pública, já que a procura pelo ensino particular era praticamente nula.

Amabile, mais de uma vez, afirmou que foi muito bom a época da "escolinha", como ela chamava o GE-1. Para ela, a população formava uma grande família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa sobre a escola Júlia Kubitschek é muito claro a vontade e o entusiasmo das pessoas envolvidas. Vir para Brasília, antes mesmo da sua inauguração, era uma verdadeira aventura. Talvez por esta situação, o espírito de solidariedade e colaboração floresceram tanto entre os candangos.

A escola era reflexo da vontade de inovar: espírito que fazia parte da nova capital. Mas, infelizmente, a educação continuou sendo de interesse de poucos. As verbas continuaram sendo poucas para manter o sistema educacional, principalmente na proposta a qual o aluno permanece nela tempo integral.

Pelos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatísticas, a União, em 1955, gastava-se 5,7% do seu orçamento em educação e cultura. 10 anos depois este percentual tinha aumentado para 9,6%. Esta porcentagem era a quarta prioridade governamental. Fica claro que apesar de estar em quarto lugar o percentual é muito pequeno.

Refletindo sobre a dificuldade e lentidão que foi transferir a capital, e quando se determinou a fazer, ela aconteceu, mesmo diante das dificuldades, penso que a história demonstrou mais uma vez que quando algo se torna realmente um objetivo, é possível realizá-lo.

Outro dado revelado neste trabalho, é que quando o ensino público é de boa qualidade não existe a procura nas escolas particulares. É mais triste ter essa consciência e ver como as escolas particulares estão sendo procuradas hoje em dia, devido a insegurança que os pais sentem diante da escola pública.

A escola Júlia Kubitschek deveu seu sucesso, principalmente,

a participação e iniciativa da comunidade. A própria construção, feita em 20 dias, é um exemplo marcante desta história que se faz através da participação.

Brasília, para mim, é um exemplo de vontade popular que consegue o que quer. A memória candanga é parte integrante de nossa história cultural. Por isso, ela devia ser mais valorizada e estudada. Suas instituições, em suas criações, são ricas em histórias, anseios e desejos da época. E após conhecê-la, ela se torna força esperançosa para que um dia Brasília pode ser a terra prometida, proferida por D. Bosco em seu sonho profético.

"Senhores Membros do Conselho Diretor:

"O fato de termos estado durante longo período, desde a criação da NOVACAP, em contato com os problemas da educação, dá-nos certa liberdade para apresentar aos ilustres companheiros desta Fundação um estudo das questões referentes ao ensino, em Brasília, e de suas necessidades imediatas.

"Pensamos sempre em instituir em Brasília métodos e sistemas salutarés, pois não seria admissível repetir nesta capital que nasce a humilhante situação das velhas cidades, onde a imprevidência tem gerado falhas imperdoáveis, que vão desde o número insuficiente de escolas até o espetáculo deprimente da disputa de vagas.

"Brasília não deve, não pode e não deseja apresentar-se com tais roupagens.

"Se Brasília começa agora, nosso dever é de planejar bem e realizar melhor; de prever para evitar os paliativos, de organizar e não improvisar.

"O planejamento e a organização nos levam à vitória, enquanto a improvisação e a panacéia conduzem à desagregação. O bom administrador deve se antecipar às reclamações do povo; o bom administrador prevê, planeja, organiza, se antepõe às necessidades; aquele que só age ante a crítica, que só providencia ante os reclamos, que só realiza ante o aguilhão das ameaças não se inclui no rol dos bons homens públicos.

"A educação não pode ser improvisada. A escola não deve ser construída por formalidade ou para atender aos reclamos da população. A educação não se resolve apenas com o aumento das salas de aula. Ela tem como finalidade precípua o desenvolvimento total da personalidade humana. Sua função é tornar o indivíduo um membro útil à sociedade, ajustá-lo ao meio em que vive. O exemplo dos povos aí está: Os Estados Unidos devem o seu progresso às escolas; a Alemanha foi edificada pelo professor; o Japão evoluiu de nação medieval, no início deste século, à potência mundial, através da educação e da cultura.

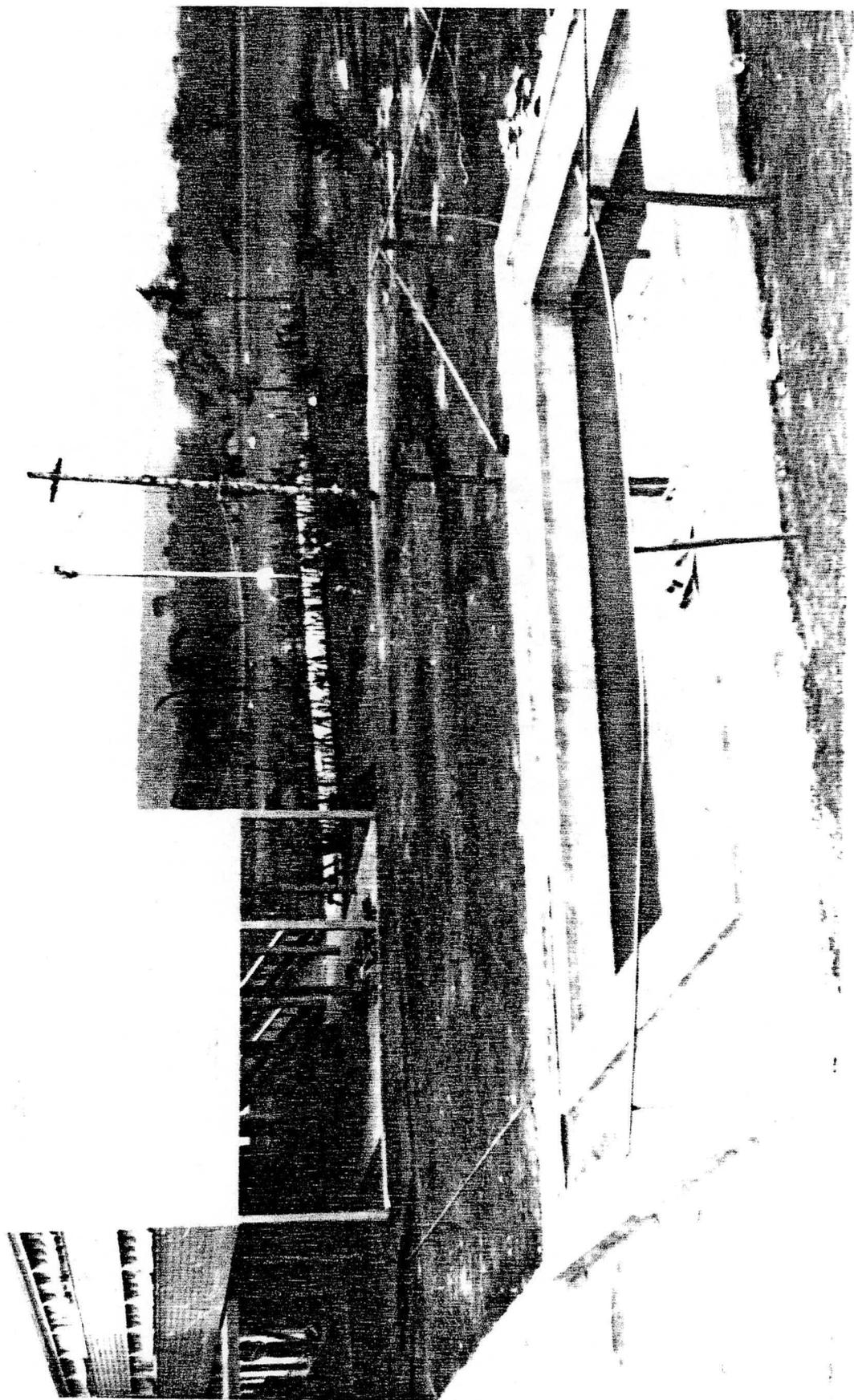
"A paz, a ordem e o progresso do País só serão conseguidos com a educação.

"Por isso, senhores Conselheiros, o nosso lema deverá ser o de iniciar certo, começar sem erros nem tibiezas, mas corajosamente, enfrentando o problema com ânimo forte e o pensamento voltado para os altos destinos da nossa Pátria.

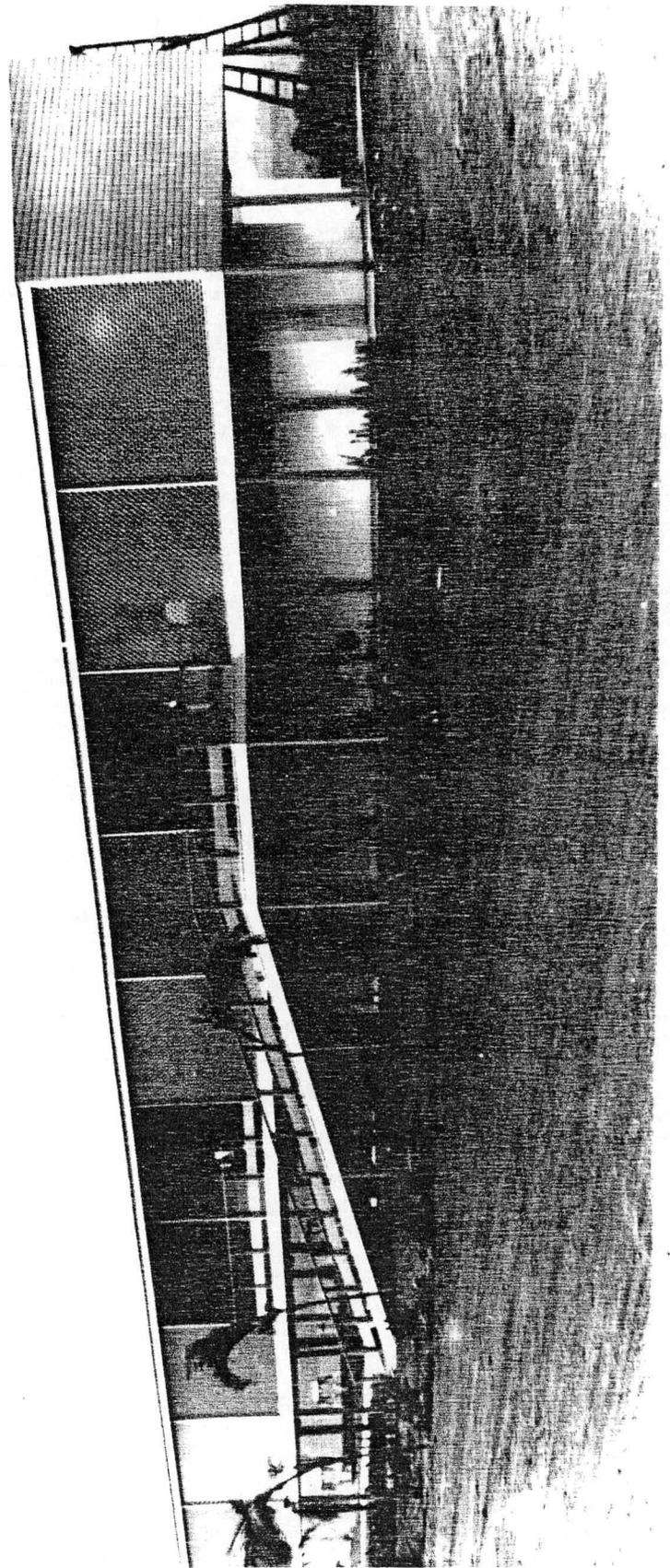
"A Fundação Educacional, em regime de urgência, deve tratar não somente da construção material das escolas indispensáveis às necessidades da população, como também dos métodos educacionais e do programa a ser cumprido em Brasília. Cabe aqui lembrar que é preciso eliminar dos programas os métodos retrógrados, ainda em vigor na maioria de nossas escolas; a matéria supérflua; instituir novos sistemas, adequados à época atual, usando-se o cinema, a televisão, o rádio, as excursões; as viagens; adaptando, enfim, ao mundo de hoje as práticas do ensino. A mocidade já não suporta mais as mesmas lições e as mesmas aulas que há trinta anos nos foram ministradas.

"Outras tarefas: a questão de habitação dos professores, dignos de casa decente e confortável; o salário compatível com a dignidade da sua função social; a criação de bibliotecas públicas, de clubes sociais e desportivos; as atividades culturais; enfim, um enorme volume de obras e providências que já tardam e que já deviam estar prontas, mas que, infelizmente, apesar da nossa insistência, nunca foram cogitadas. Todo esse nosso esforço tem representado quase que um brado no deserto."

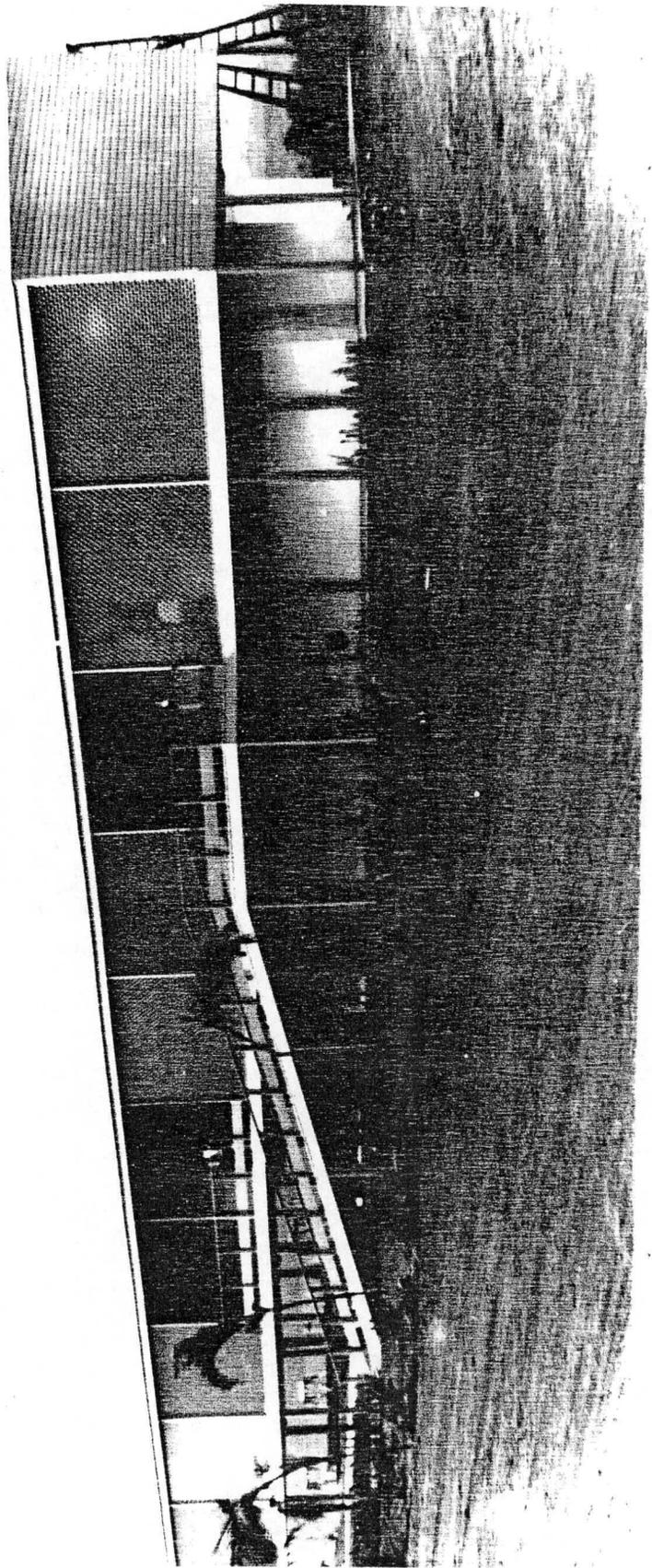
ANEXO 2
FOTO DA ESCOLA JÚLIA KUBISSCHER

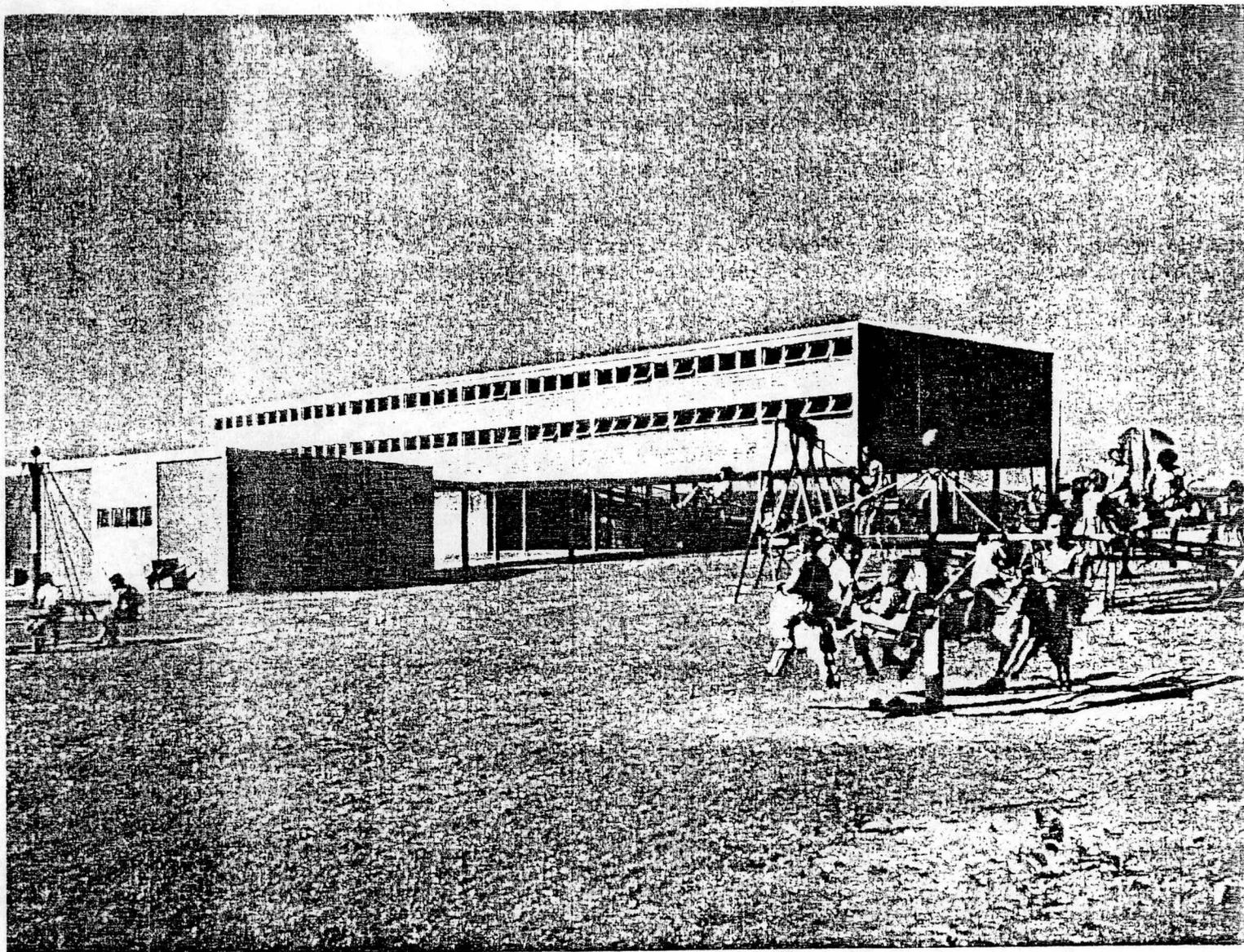


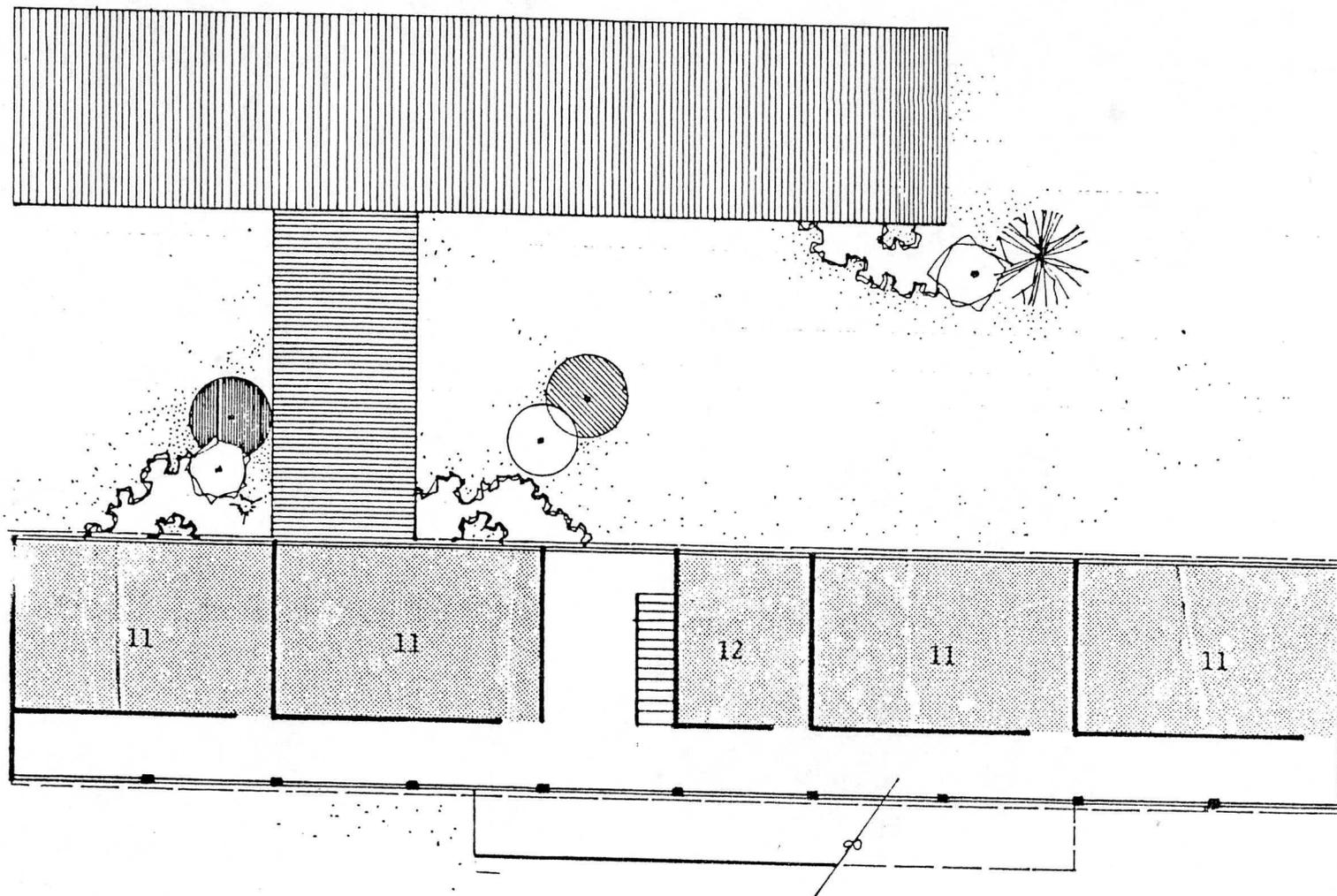
ANEXO 3
FOTO DA ESCOLA JULIA KUBITSCHER



ANEXO 3
FOTO DA ESCOLA JÚLIA KUBITSCHER





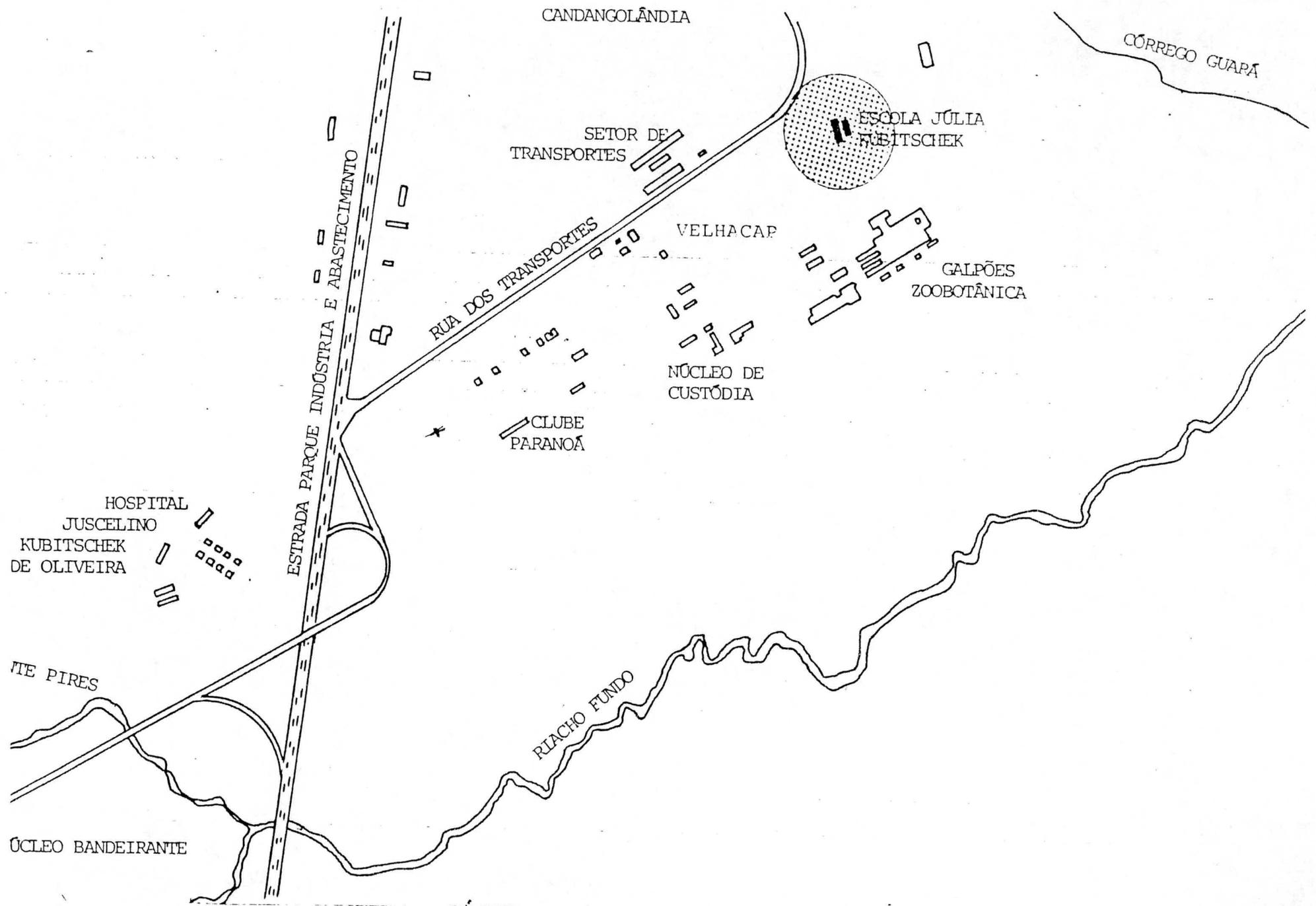


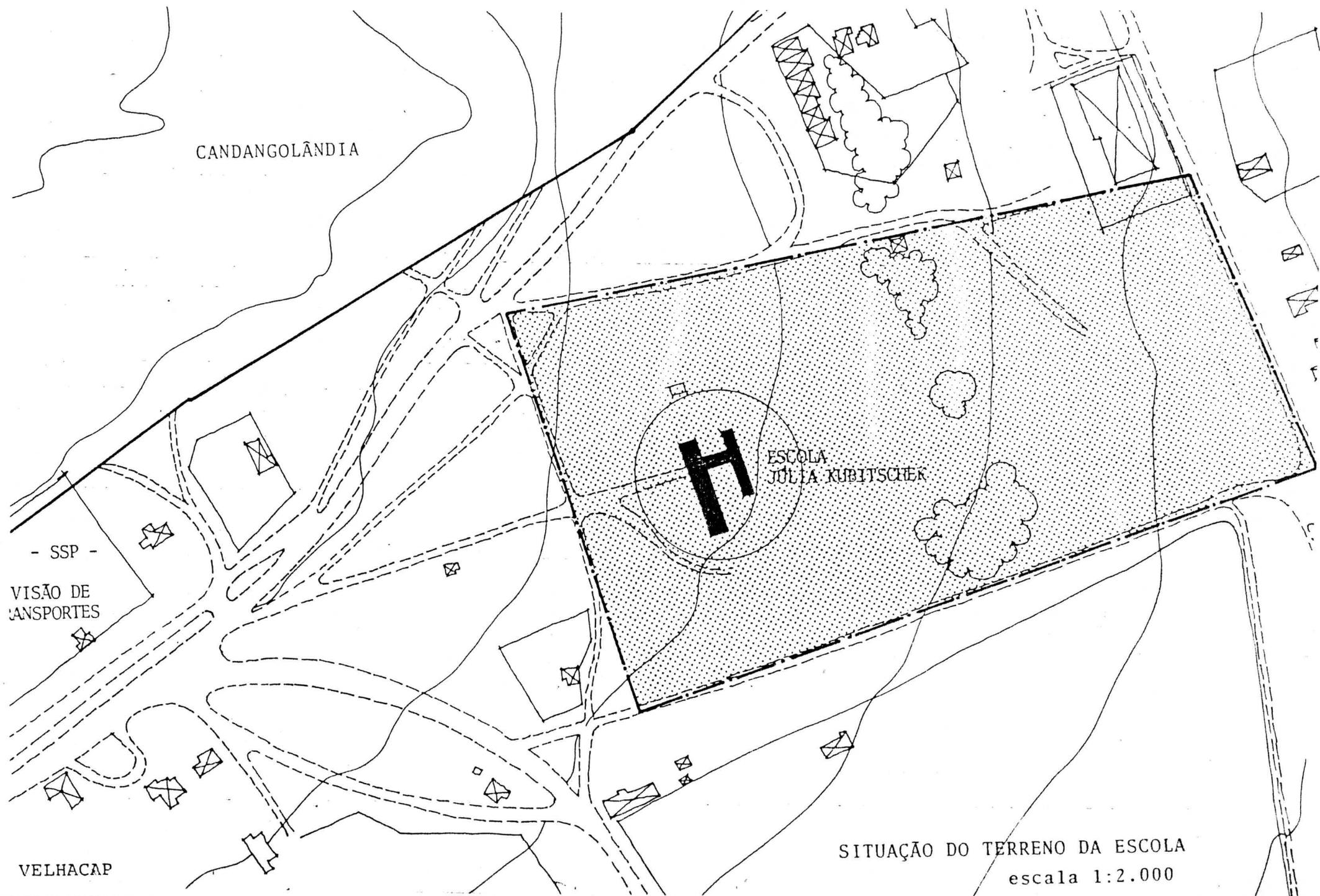
LEGENDA

11 - Sala de Aula

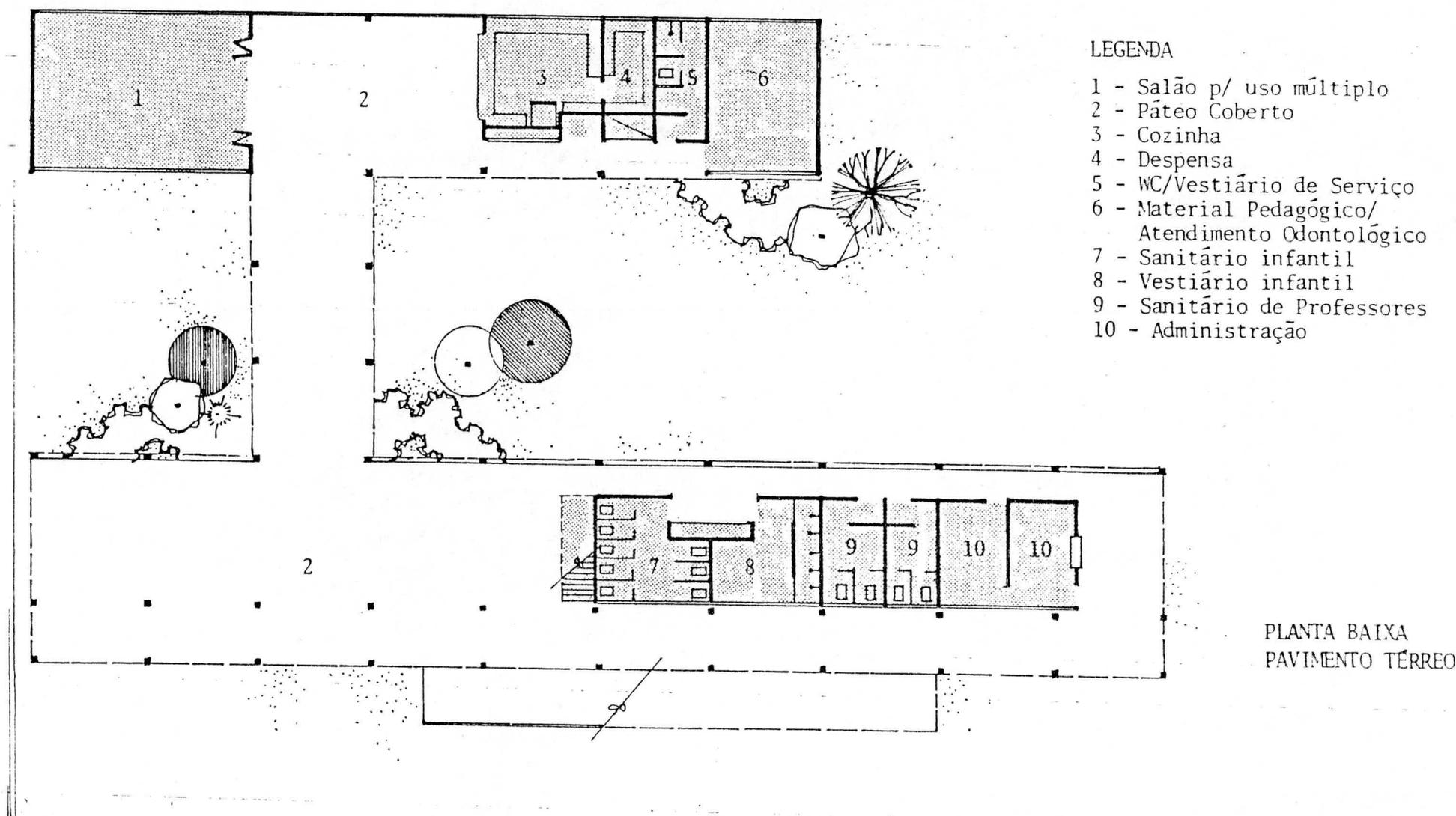
12 - Sala de Professores

PLANTA BAIXA
PAVIMENTO SUPERIOR





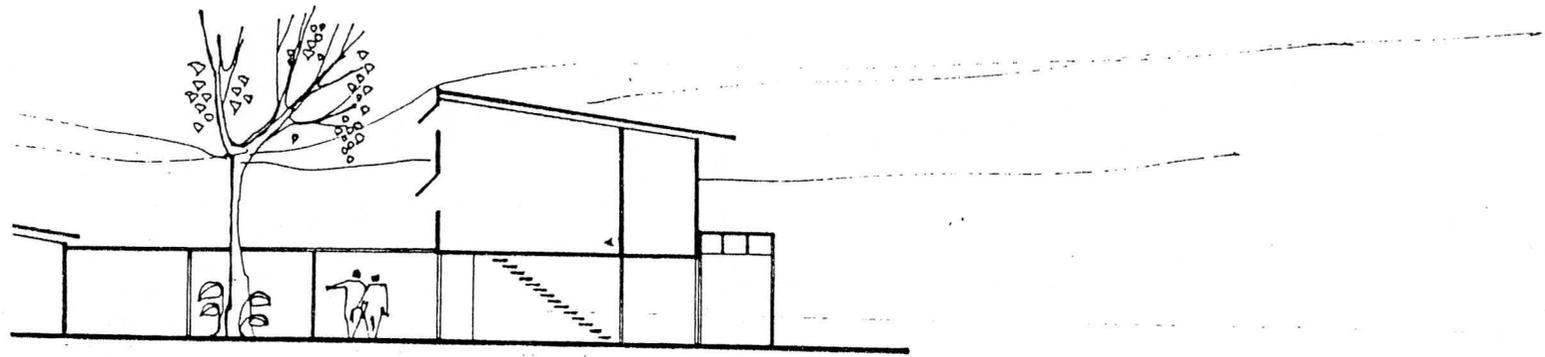
SITUAÇÃO DO TERRENO DA ESCOLA
escala 1:2.000



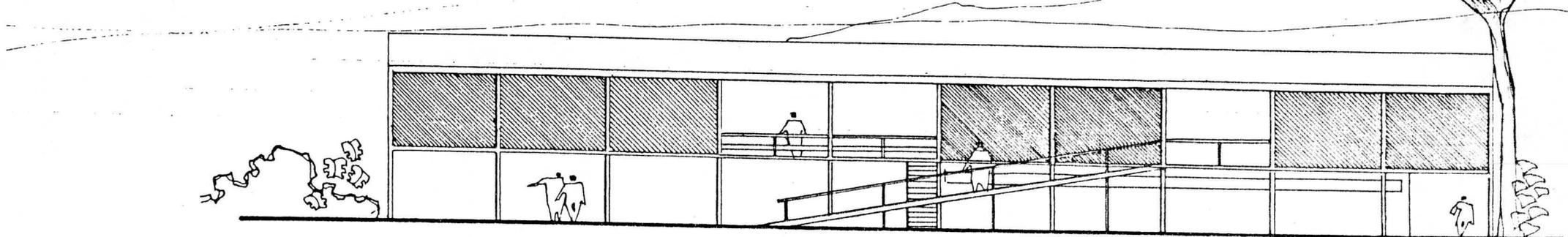
LEGENDA

- 1 - Salão p/ uso múltiplo
- 2 - Pátio Coberto
- 3 - Cozinha
- 4 - Despensa
- 5 - WC/Vestiário de Serviço
- 6 - Material Pedagógico/
Atendimento Odontológico
- 7 - Sanitário infantil
- 8 - Vestiário infantil
- 9 - Sanitário de Professores
- 10 - Administração

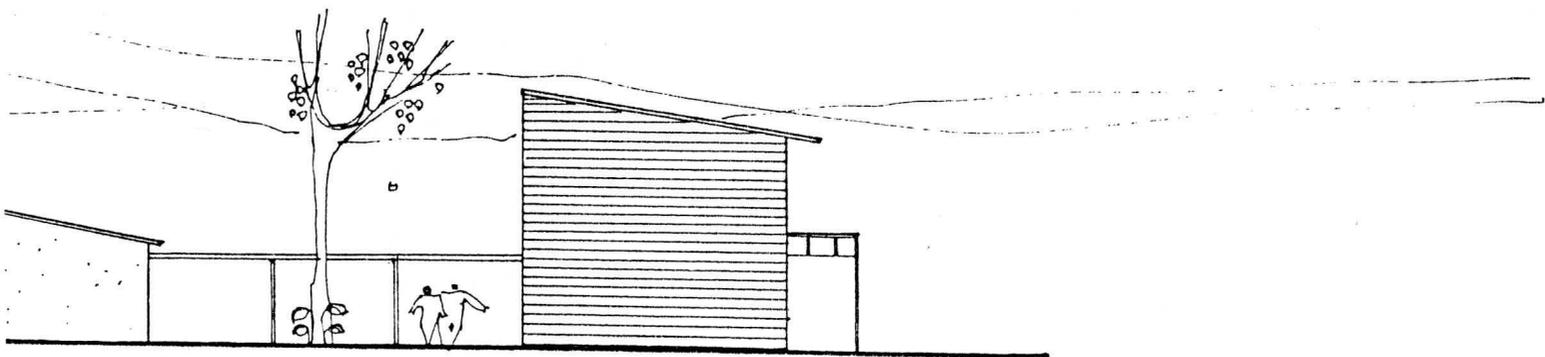
PLANTA BAIXA
PAVIMENTO TÉRREO



CORTE AA



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LATERAL

BIBLIOGRAFIA

- _____." A primeira escola de Brasília". Brasília. NOVACAP; Brasília. ano 1; outubro de 1957; nº 17; páginas 8 e 9.
- _____."Sistema Educacional de Brasília". Brasília. NOVACAP; Brasília. ano 4; abril de 1960; nº40; páginas 68 à 71.
- SILVA, Ernesto.
História de Brasília: um sonho, uma esperança,
uma realidade.
Centro Gráfico, Senado Federal; Brasília
1985; 400 páginas.
Cronologia da história de Brasília: de 1750 a
1961.
Arquivo Público do DF.
Guia preliminar de fontes para a história de Brasília
- _____.
Arquivo Público do DF; Brasília; 1988; 145 páginas.
A origem do sistema educacional de Brasília - criação do
CASEB, 22/12/1959.
Departamento de Planejamento Educacional;
Brasília; 1984; 125 páginas.
Reconstrução da Escola Júlia Kubitschek
_____. Projeto Cidade
Livre; 1986.
- Textos da bibliografia da disciplina sobre situação sócio-
político econômico do Brasil no período de 1949 - 1955.